

IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH-BA
HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS.
29 de Julho a 1º de Agosto de 2008.
Vitória da Conquista - BA.

**EM BUSCA DO PRÍNCIPE ENCANTADO : REAÇÕES DE GÊNERO
NOS CONTOS DE PERRAULT**

Georgia Sampaio Godoy

Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
E-mail: geórgia-godoy@hotmail.com

Palavras-chave: Relação. Gênero. Contos. Perrault.

Em 1697, saiu das mãos do principal editor da Academia Francesa de Letras, Claude Barbin, uma pequena edição contendo oito contos populares¹ e entregue a Charles Perrault. Essa primeira edição foi presenteada à sobrinha do Rei Sol, Luís XIV. Conhecida hoje como contos da carochinha, ou, ainda mais popularmente, contos de fadas, os franceses do século XVII denominavam essa literatura popular de contos de velha, fábulas e, como fora intitulada por Perrault no Frontispício da obra, *Contes de ma Mère L'Oye – Contos da Mamãe Gansa*. Pela primeira vez os contos *Chapeuzinho Vermelho*, *O Pequeno Polegar*, *O Gato de Botas* ou *Mestre Gato*, *Cinderela* ou *O Sapatinho de Cristal*, *A Bela Adormecida no Bosque*, *As Fadas*, *Riquet o topetudo* e *Barba Azul* eram publicados em edição de luxo, com toques de requintes na descrição, linguagem mais rebuscada e acrescidas de moral. Segundo Mendes (2000), um trabalho a quatro mãos, um exercício de redação de um pai viúvo e atencioso, preocupado em ingressar seu filho no mundo das letras, em voga na sociedade francesa, sobretudo nos grandes salões da corte, os salões das preciosas². Antes disso, os contos estavam reservados à *Bibliothèque Bleu – Biblioteca Azul* – uma espécie de literatura de cordel vendida nas feiras, com edições impressas em material grosseiro, sem muitas preocupações com a tipografia ou a linguagem, pois seu objetivo era adequar-se ao gosto popular, visando tão-somente à lucratividade. Mas os contos faziam parte também da tradição oral. Sentada frente à lar eira, enquanto fiava, a aldeã contava histórias maravilhosas para entreter adultos, jovens e crianças. Porém, muito mais do que diversão, os contos proporcionavam um retrato da vida social, como a sociedade se organizava e como homens e mulheres se relacionavam.

Charles Perrault vinha de uma tradicional família burguesa. Desde cedo, envolvia-se com a tradição literária classicista. Aos 15 ou 16 anos abandona a Escola, após uma

¹ A primeira edição contou com apenas oito contos, porém, no manuscrito original constavam apenas cinco. Anos mais tarde, a esposa do editor Claude Barbin autoriza uma nova edição dos contos que passaram a partir deste momento a ser denominada *Contes de Monsieur Perrault* somando um total de nove contos, pois se incluiu o conto *Pele-de-Asno* de autoria de Perrault que foi apresentado em sessão da Academia.

² As preciosas é a denominação empregue no século XVII às damas da alta sociedade francesa que recebiam em suas residências convidados da corte, entretendo-os com jogos literários. Esses salões, verdadeiros *Lobby* políticos tornam-se o ambiente propício para contatos sociais, reunindo nobres, políticos, artistas – entre estes últimos transitava alta burguesia da qual Perrault fazia parte. Em oposição às regras impostas pela Academia, os salões privilegiavam a produção cultural moderna, daí serem partidários, durante a *Querrelle*, do grupo dos Modernos, que criticavam o modelo greco-romano exaltado pela Academia.

desavença com um professor em decorrência de divergência no método de ensino tradicionalista – que censurava o uso de alguns clássicos da literatura greco-romana – e juntamente com um amigo deu início aos estudos somente com a orientação paterna. Logo cedo traduziu clássicos como o sexto livro da *Eneida*. Tornou-se advogado e, alguns anos após a morte do pai, ingressa na vida política como assessor de seu irmão Pierre que comprara o cargo de coletor de finanças. Ainda atento à produção literária, compondo Odes³ de louvor ao Rei, torna-se protegido de Fouquet⁴. Quando este é substituído por Colbert, Charles é indicado por um acadêmico de renome, Chapelain, a ingressar na Petit Académie⁵. A partir deste momento, ele se consolida na posição de braço direito de Colbert, subindo progressivamente na carreira política. Em 1671, ingressa na Academia Francesa de Letras, onde passa a ser lembrado pela disputa literária que envolve nos acadêmicos e ganha repercussão em jornais como o *Le Mercure Galant* e nos salões da corte. A *Querelle* foi desencadeada após a leitura de seu poema *O século de Luís, o grande* em sessão da Academia. Charles criticava a exaltação classicista à produção literária de origem greco-romana e o concomitante desprezo pela produção moderna. Como resultado das discussões, Perrault produziu sua mais importante obra *Parallèle des Anciens et des Modernes en ce qui regard les arts e les science* – Paralelo dos Antigos e Modernos em que se observam as artes e as ciências. De acordo com Mendes (2000, p. 72):

A Querela envolveu ainda outras questões, além da produção artística e científica. Para os defensores dos modernos, os franceses deveriam valorizar não só seus escritores, mas também sua língua materna, o que implica fundamentalmente a reivindicação do francês como língua do ensino. Era a querela do francês e do latim [...].

Além disso, a defesa do cristianismo, como ideal de humanidade mais puro e mais nobre que o paganismo, levou os partidários dos modernos a se insurgirem contra os valores morais da mitologia pagã.

O século XVII foi o momento de ascensão da monarquia absolutista na França. No início do século, o governo de Luís XIII contou com a forte aliança com a Igreja Católica na figura de seu Primeiro-Ministro, o Cardeal Richelieu. Nesse momento, Richelieu consolidou a estrutura política e econômica da monarquia e estabeleceu os fundamentos da educação. A moral religiosa cristã passa a ser exaltada. Após a morte de Luís XIII, seu filho assume o trono aos cinco anos, sob a regência de sua mãe, Ana da Áustria, e o Cardeal Mazarino –

³ Gênero literário condizente ao contexto literário classicista do século XVII.

⁴ Superintendente de Finanças que utilizava a riqueza acumulada pelo cargo para proteger os homens das letras, como La Fontaine, Molière e Charles Perrault.

⁵ Departamento responsável pela propaganda do rei.

indicado por Richelieu – como então Primeiro-Ministro. Como afirma Mendes (2000, p. 67), “Em nome da união entre Igreja e Estado, os dois cardeais definiram a monarquia absolutista como poder real de origem divina, e a nobreza e o clero decidiram os destinos do país e os rumos da educação”. Após a morte de Mazarino, em 1643, Luís XIV assume definitivamente o governo utilizando como alicerce a estrutura construída pelos cardeais. Tornou-se o patrono das artes, que utilizou como veículo de propaganda de sua monarquia.

O estudo da literatura popular francesa, nesta edição produzida por Charles Perrault, tem por base a análise das Representações. Conforme Chartier (1988), a produção material – através de imagens, textos e idéias – é uma visão do mundo como representação. Portanto, esses produtos da vida material não são retratos fiéis da realidade, ou seu reflexo. É a maneira como o homem vê seu mundo, o entende e se enquadra nele. A forma como o sujeito lê seu mundo depende do contexto histórico em que produz seu conhecimento de mundo e do grupo ao qual pertence. Conforme Pesavento (1995, p. 15),

[...] as representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetivas, expressas em coisas ou atos, são produto de estratégias de interesse e manipulação.

Então, de acordo com Burke (1989), o produto cultural é oriundo de um processo de assimilação que requer um trabalho de seleção, interpretação e difusão do material. A forma como o homem do século XVII vê sua realidade é fruto de uma construção, determinada pelo seu espaço geográfico, histórico, social e cultural. Entretanto, como afirma Burke, existem níveis de cultura dentro de um espaço territorial; a cultura de um camponês não é igual à cultura de um pastor. Entretanto, existem indivíduos que transitam por diferentes níveis de cultura. Charles Perrault, por exemplo, pertencia à cultura da elite, mas também participava da cultura popular, pois, apesar de compor a Academia Francesa de Letras, ateu-se a resgatar da tradição oral contos populares com os quais teve contato durante a infância através de sua ama-de-leite. Então, tendo por base uma abordagem pautada pela História Cultural, buscou-se compreender as relações de gênero dentro dos contos de Perrault⁶.

⁶ Como ficou conhecida a Coletânea a partir do século XVIII, atribuindo-se apenas a Charles Perrault a compilação dos contos. Esta confusão deveu-se ao título empregue pela esposa de Claude Barbin quando da autorização de uma nova edição, já em um momento em que os contos maravilhosos surgem como literatura propriamente infantil, pois até então não visava este público em específico.

Charles Perrault adequou à literatura popular que coletou da tradição oral à sua visão de mundo, inserindo um forte caráter moralizador. A própria literatura para os classicistas deveria funcionar, além de elemento de entretenimento, também como ferramenta disciplinarizadora de acordo com a conduta moral aceita pela tradição cristã (SILVA, 1986). De acordo com Darnton (1996, p. 39), “O próprio senso comum é uma elaboração social da realidade, que varia de cultura para cultura. Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, expressa a base comum de uma determinada ordem social ”.

A compilação dos contos da tradição popular não representou unicamente um exercício de um pai preocupado com o desenvolvimento educacional do filho, mas uma contribuição aos valores morais da monarquia absolutista da França do século XVII. A dedicatória e as morais adicionadas aos contos populares demonstram o caráter moralizador dos contos de Perrault, mas também revelam a percepção da elite francesa sobre as mais diversas camadas sociais – da contenção às normas religiosas, que exercia o mesmo peso de um dever delituoso político, à desregrada conduta da gente simples do povo.

Era uma vez... A memorável frase de abertura dos contos. Nesse momento, o leitor ou ouvinte é imerso em um mundo fantástico, em que o maravilhoso se faz presente nas criaturas mágicas, nas princesas e príncipes encantados, nos dons concedidos e feitiços realizados. Aqui uma jovem pode dormir cem anos ininterruptamente, ou ainda uma criança nasce tão pequenina que pode ser comparada a um dedo polegar; mas não se enganem, pois o que tem de pequena tem de astuta. Só quando ouvimos a final frase da estória somos convidados a abandonar esse mundo encantado e retornar à dura realidade, pois já sabemos que príncipe e princesa *viveram felizes para sempre!*

E aqui se chega ao cerne da questão: dos nove contos de Perrault, apenas *Pele-de-Asno* termina com *e viveram felizes para sempre!* Esse é o título do trabalho monográfico que deu origem ao presente texto: *E viveram felizes para sempre... Relações de gênero nos contos da Mamãe Gansa*. O termo se torna desfecho obrigatório dos contos só no século XVIII quando os irmãos Wilhelm e Jacob Grimm⁷ publicam sua coletânea, voltada – essa sim – para o público infantil, e que ganhou fama no mundo e é recontada até hoje, influenciando inclusive as versões orais contemporâneas. Então poder-se-ia supor que nem todos viveriam felizes para sempre?

⁷ Contradizendo a tendência alemã que apresentava contos carregados de figuras malignas, onde o horror era a característica chave de sua literatura popular, os Irmãos Grimm – como ficam popularmente conhecidos – amenizam o impacto das estórias transformando seus finais e tornando -o o desfecho feliz, para sempre.

Viver feliz é possível, mas encontrar o grande amor não era o essencial, porque o amor não era o principal ingrediente para a felicidade eterna. Em *O Gato de Botas*, um jovem camponês recebe de herança paterna apenas um gato. Desesperado, percebe que seu futuro resume-se a comer seu gato, fazer de seu pêlo um par de luvas e depois morrer de fome. Contudo, o astuto bichano, nada interessado neste desfecho trágico, arquitetava uma estratégia para garantir uma vida tranqüila a ele e seu amo. Passa a caçar diariamente pequenos animais silvestres e presenteia-os ao rei em nome de um suposto Marquês de Carabás. Certa feita, em um dos passeios reais pelos domínios do reino, o Gato orienta o jovem a despir-se e entrar no rio. Em seguida, o Bicho corre desesperado em direção à carruagem real e inventa uma história que o Marquês fora roubado enquanto se banhava. O Rei ajuda o rapaz e solicita que o conduza à carruagem. A princesa apaixonou-se logo que o vê, pois os trajes reais ressaltaram seu belo porte. O rapaz mostrou-se interessado, porém preocupava-se mais em dar atenção ao rei. O amor, portanto, não é o ponto central da estória. O rei só autoriza o casamento após conhecer todas as supostas propriedades do Marquês. Parando a carruagem de tempos em tempos, o rei indagava aos camponeses locais a respeito do dono das terras observadas e estes prontamente afirmavam pertencerem ao Marquês de Carabás – conforme orientação do Gato que ia à frente alertando a todos sobre a loucura do rei que mataria todos aqueles que não afirmassem serem aquelas propriedades deste Marquês. Estas propriedades, por sua vez, acabam por tornar-se verdadeiramente posses do rapaz, pois o terrível Ogro que era seu proprietário é devorado pelo Gato em um desafio – ele transforma-se em rato para provar quão grandiosa era sua magia. O rapaz torna-se finalmente um rico nobre e desposa a princesa. Assim Perrault (1994, p. 140) encerra o conto:

Encantado com os belos dotes do Marquês de Carabás, assim como a sua filha, que estava apaixonada por ele, o rei lhe disse, depois de ver as grandes riquezas que o marquês possuía: “Cabe ao senhor decidir, senhor marquês, se deseja ou não ser meu genro”.

Em *As Fadas*, o príncipe só se casa com a camponesa, porque ela recebeu o dom de tirar da boca pedras preciosas a cada palavra pronunciada. Devido à sua bondade em auxiliar uma idosa que lhe solicita água enquanto a menina abastecia um jarro na fonte. Ela tinha garantido, portanto seu dote e possuía boas virtudes. No conto *Riquet o Topetudo*, o amor do rapaz poderia tornar elevado o espírito da pessoa amada, enquanto a jovem esposa tinha o dom de tornar belo seu amor. Ambos enfeitados no momento de seus nascimentos pela mesma fada. Riquet ofereceu seu amor e junto com este principalmente o dom da inteligência

à princesa, para que ela aceitasse ser desposada por ele. Contudo Riquet ficou apenas mais tolerável aos olhos da princesa, pois sua bondade amenizava sua deformidade. Belo, entretanto, ele não ficou, pois o matrimônio foi um acordo entre partes que pertenciam a uma mesma classe, sem o amor como elemento fundamental. A princesa aceitou o matrimônio para cumprir o juramento que fizera ao príncipe, quando ele prometeu-lhe conceder em troca a tão almejada inteligência. Como o próprio conto afirma, ela só fizera tal julgamento porque era simplória demais para compreender o impacto daquele ato irracional. O casamento, então, longe de ser um fruto do amor, é um acordo entre indivíduos que compartilham o mesmo nível social, ou a mesma capacidade financeira. O século XVII é um momento de franca ascensão da burguesia que contrai matrimônio com a nobreza falida e compra o título de nobreza.

A Bela Adormecida encontrou seu príncipe, casa-se, mas permanece anônima para a família do esposo, pois o príncipe está receoso da reação da família, sobretudo de sua mãe:

Pela manhã, o príncipe a deixou e retornou à cidade, onde seu pai devia estar preocupado com sua ausência.

O príncipe disse a ele que se perdera na floresta quando caçava, tendo passado a noite na choupana de um carvoeiro, que lhe dera para comer queijo e pão preto. O rei seu pai, que era um homem bom, acreditou em tudo, mas sua mãe não ficou muito convencida com a sua história, sabendo que ele tinha sempre uma desculpa a dar quando dormia duas ou três noites fora de casa (PERRAULT, 1994, p. 106).

Somente após a morte do pai, o príncipe assume seu casamento com a Bela Adormecida. Apesar de pertencerem ambos à realeza, a linhagem da princesa desaparecera e um novo reino a substituiu, caracterizando uma incompatibilidade para o casamento. Namoros furtivos às escondidas entre jovens era uma alternativa à recusa familiar em aceitar as núpcias.

A prática sexual precoce, antecedendo ao casamento, não constituiria algo raro. E em decorrência desse aspecto Perrault dedica especial atenção. À elite é exigida a conduta primorosa. As jovens, encerradas na vida privada de suas casas tinham raros momentos de apresentarem-se à sociedade e cada instante deveria ser aproveitado, entre as saídas à Igreja e aos bailes. Em *História das mulheres*, Klapisch-Zuber (1990) aborda a conduta feminina nesses breves momentos de vida social. A jovem que se observa frente ao espelho, mede o comprimento de sua saia, o decor de seu decote e o primor de seu penteado, invés de preocupada em fazer uma boa figura à sociedade, compostura e virtude, preocupa-se em mostrar-se o máximo que puder aos rapazes, seduzindo-os, colocando a vista tornozelos, colo e pescoço. Como no conto *Cinderela*,

Aconteceu que o filho do rei resolveu dar um baile, para o qual foram convidadas todas as pessoas importantes do lugar. As nossas duas senhoritas também foram convidadas, pois eram figuras de proa na cidade. Muito satisfeitas, ei-las ocupadas em escolher os vestidos e os penteados que lhes assentavam melhor (PERRAULT, 1994, p. 114).

O cuidado com as aparições públicas e as estratégias de sedução são ensinadas pelas mulheres mais velhas, seja a mãe ou a madrinha. Em *Pele-de-Asno*, a Fada Madrinha orienta a jovem princesa: “Diga-lhe que, para satisfazer um capricho seu, você deseja que ele lhe dê um vestido da cor do tempo” (PERRAULT, 1994, p. 163).

Em decorrência de enfermidades e de complicações no parto, os homens casavam -se mais de uma vez. A idade média para o casamento de um homem era por volta dos 25 anos, enquanto a jovem aos 13 anos, pois aos 18 já era considerada “enclhada” (MACEDO, 1990). Entre as camadas mais humildes da sociedade, o pai viúvo nem sempre voltava a se casar e, não seriam raros os casos, manteria relação incestuosa com a filha mais velha que assumira, desde a morte da mãe, o papel de cuidar da casa e dos irmãos. No conto *Pele-de-Asno*, o rei, pressionado pelos conselheiros a contrair novas núpcias e apegando -se ao juramento realizado no leito de morte de sua esposa – contrair novas núpcias apenas quando encontrasse uma mulher de beleza superior à da falecida –, decide casar-se com a própria filha, cuja beleza era superior à da mãe, ficando o rei, por isso, perdidamente apaixonado.

A vida sexual iniciava-se cedo, tendo em vista os padrões contemporâneos, mas a sexualidade fazia parte do dia-a-dia desde a infância. Nos quartos coletivos, a criança presenciava as atividades noturnas, falava -se abertamente sobre o sexo e os órgãos genitais, em literatura jocosa e em brincadeiras familiares. Abordando a biografia de Luís XIV, Wilhelm (1988) chama atenção para o desenvolvimento sexual do rei. Ainda criança, os servos do castelo brincavam utilizando palavreado vulgar e fazendo menção ao órgão sexual. Casado aos 12 anos, foi interrogado a respeito da consumação do casamento, no que ele comentou apresentando a genitália. O conhecimento do corpo desencadeava a curiosidade e concomitantemente o pecado carnal. Chapeuzinho Vermelho se despiu sem resistência ao pedido do Lobo e deitou-se na cama com este. A curiosidade infantil levou -a a indagar sobre a aparência do animal, que se disfarçava com as roupas de sua avó:

Chapeuzinho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou admirada ao ver como a avó estava esquisita em seu traje de dormir. Disse ela: “Vovó, como são grandes os seus braços!” [...] “Vovó, como são grandes as suas pernas!” (PERRAULT, 1994, p. 55).

Então Perrault adverte a importância da vigília para a manutenção da castidade à juventude. Por isso, a Bela Adormecida esperou cem anos. A preocupação fez a família recorrer a uma fada que, por ação de um contra-feitiço, a fez dormir tanto, até ser despertada no momento em que o príncipe a ela escolhido chega ao castelo para desposá-la. A esposa de Barba Azul foi prudente sobre a tutela da mãe, aceitando se casar após o consentimento familiar. Mas, uma vez casada e longe do olhar do marido, que viaja a negócios, a jovem rapidamente o desobedece. E é a desobediência acarreta invariavelmente em pecado. Perrault salienta que, sem a presença e a vigília a mulher está fadada a cometer erros e tornar-se o senhor da casa. Portanto, manter a mulher sob a guarda familiar é essencial à preservação moral da mulher e da família. Veja o que aconteceu com Chapeuzinho Vermelho, livre da tutela masculina, com permissão de sair de casa e embrenhar-se no bosque foi devorada pelo Lobo. E Perrault orienta: cuidado jovens donzelas com o Lobo, e não se fala de qualquer Lobo, porque nem todos os Lobos são iguais, fala-se daqueles que se fazem de macios, sem fel e sem furor, que acompanha as jovens às suas casas e as seguem a seus aposentos e não é de se estranhar que por isso o lobo as devore.

Os contos de Perrault prestam-se a uma disciplinarização social com base na moral reinante na monarquia absolutista do Rei Sol, Luís XIV. No próprio prefácio, Pierre Perrault D'Armançour enfatiza que o objetivo dos contos é mostrar a quem o direito divino concedeu o governo dos homens saber como vive a gente do povo.

Referências

ARIÈS, Philippe (Org.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_____. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____. *Variedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- DELAMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, Georges. *Amor e sexualidades no Ocidente*. Porto: Terramar, 1991.
- _____. *Idade Média, idade dos homens do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- _____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.
- _____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1999c.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Org.). *História das mulheres: Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- LÉCRIVAIN, Marcel Bernos-Philippe. *O fruto proibido*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- MACEDO, José Rivair. *As mulheres na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MACFARLANE, A. *História do casamento e do amor*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- MENDES, Mariza B. T. *Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- PALOU, Jean. *A feitiçaria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- PAZ, Moemí. *Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SHENNAN, J. H. *Luís XIV*. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. São Paulo: Almedina, 1986.

SIMONSEN, Michele. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

WILHELM, Jacques. *Paris no tempo do Rei Sol: 1600-1715*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.